



DESAFIO DOCENTE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ACOMPANHAMENTO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA AMAZÔNIA RONDONIENSE

Amanda Garcia Mendonça Ramiro¹
Andréia Abadia Gomes Silva²
Francilene Rodrigues Coelho³
Miqueias Ramos dos Santos⁴
Lidiana da Cruz Pereira⁵

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta um conjunto de esferas e entre elas estão: sociabilidade, comunicação, sintomas associados e comportamentos repetitivos, assim o aprendizado do aluno autista é um desafio para professor, pois o mesmo deve ter métodos e estratégias de ensino para inserir o aluno nas atividades, respeitando à limitação de cada indivíduo de acordo com suas necessidades. Desta forma o objetivo deste estudo é analisar quais os desafios do docente no acompanhamento da aprendizagem do aluno com TEA em uma instituição não governamental, AMA- Associação de Amigos e Pais de Autistas no Município de Porto Velho Estado de Rondônia. A pesquisa é do tipo bibliográfico e descritivo, com abordagem qualitativa. As análises dos dados foram por meio de análise de conteúdo com categorias criadas à *posteriori*, com o foco em temas que fundamentam práticas pedagógicas de professores que atuam nesta instituição. Os dados são por meio de relatos de experiência de um acadêmico de Pedagogia que auxiliou os professores da instituição. Os dados apontam que é preciso que o professor desenvolva intervenções pedagógicas inclusivas, tais como socialização, bem como atividades que contemple as necessidades cognitivas, social, linguísticas e motoras específica a cada nível da criança autista para que o desenvolvimento seja efetivo a sua inserção social.

PALAVRAS-CHAVE: Prática pedagógica, Aprendizagem, Transtorno do Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

O autismo é um conjunto de comportamentos no qual incluem o comprometimento principalmente na comunicação, afeta a interação social e atividades restrito- repetitivas. É uma condição que compromete as alterações no neurodesenvolvimento que é considerado como um dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento segundo o CID 10 (Classificação Internacional de Doenças).

¹ Amanda Garcia do 5º período do Curso de Pedagogia da Faculdade Sapiens, amandaramiro108@gmail.com

² Andréia Abadia Gomes do 5º período do Curso de Pedagogia da Faculdade Sapiens, andreiaabadiagomessilva@hotmail.com

³ Francilene Rodrigues Coelho do 5º período do Curso de Pedagogia da Faculdade Sapiens, francilenerodrigues48@gmail.com

⁴ Miqueias Ramos dos Santos do 5º período do Curso de Pedagogia da Faculdade Sapiens, miqueiass437@gmail.com

⁵ Professora Mestre em Educação do Curso de Pedagogia da Faculdade Sapiens, lidiana.barroso@gruposapiens.com.br



O objetivo deste estudo é verificar quais os desafios o docente enfrenta no acompanhamento da aprendizagem do aluno com TEA em uma instituição não governamental, AMA⁶ - Associação de Amigos e Pais de Autistas no Município de Porto Velho – Rondônia. Assim sendo, o professor que atua com alunos com TEA, necessitam de práticas pedagógicas inovadoras e diversificadas para cada perfil da criança, ou seja, precisa utilizar jogos e recursos pedagógicos que contemple as necessidades e capacidades de aprendizagem do aluno com TEA.

A metodologia abordada nesta pesquisa é do tipo bibliográfico e descritivo, com abordagem qualitativa. O método de análises dos dados foi baseado em conteúdos por meio de análise de conteúdo com categorias criadas à *posteriori*, com o foco em temas que fundamentam práticas pedagógicas de professores que atuam com crianças, jovens e adultos com TEA na AMA.

A primeira seção apresenta-se a metodologia da pesquisa, bem como o método de análise por meio de categorias baseada nos conteúdos. A segunda seção discute sobre conceito, história e legislação da educação de pessoas com TEA. A terceira seção aborda-se orientações pedagógicas para o atendimento da aprendizagem de crianças com TEA. A quarta seção destaca-se as análises por meio de categorias criadas a *posteriori* por meio de relatos de experiência de um acadêmico de Pedagogia que auxiliou professores no ano de 2019, bem como discute quais orientações didáticas necessárias para promover a aprendizagem da criança com TEA com mais qualidade e inclusão do mesmo. Finaliza-se com as considerações finais e apontamentos para novos estudos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é do tipo bibliográfico e descritivo, com abordagem qualitativa. O método de análises dos dados foi baseado nos conteúdos com categorias criadas à *posteriori*, por meio de relatos de experiência de um acadêmico de Pedagogia que auxiliou professores no ano de 2019 na instituição pesquisada. O foco foi em temas que fundamentam práticas pedagógicas de professores que atuam com crianças, jovens e adultos com TEA de uma instituição não governamental, AMA - Associação de Amigos e Pais de Autistas no

⁶ A Associação de Pais e Amigos do Autista de Rondônia AMA-RO, tem seu estatuto original registrado afiliada na Associação Brasileira de Autismo- ABRA, e declarada de utilidade Pública Estadual pelo projeto de Lei nº 013/07 de 14 de março de 2007, de utilidade Pública Municipal pelo Decreto Lei nº 1.670 de 29 de Junho de 2006, reconhecida como Entidade Beneficente e Filantrópica de Assistência Social pelo conselho Municipal de Assistência Social- CMAS, no Conselho Municipal Da Criança e do Adolescente CMDCA, Certificada no Sistema Integrado de Parcerias e descentralização da Execução das políticas públicas e serviços públicos não exclusivos através do Terceiro Setor-SISPAR nº 00141/2016. Disponível em< <http://www.amarondonia.org.br/quem-somos/>> Acesso em agosto de 2020.



Município de Porto Velho no Estado de Rondônia. Os professores desta instituição foram cedidos pela Secretaria de Estado da Educação de Rondônia – SEDUC, para fomentar a educação especializada para pessoas com autismo.

Sobre as análises dos dados da pesquisa, foi por meio de relatos de experiência que Gil (2008, p. 23) conceituou como pesquisa etnométodos, “procedimentos que constituem o raciocínio sociológico prático”. Esse método segundo o autor citado, é uma tentativa de analisar as expressões que o indivíduo considera relevante diariamente em sua vida, ou seja, na sua visão sobre suas ações, práticas e comunicação.

Nessa investigação, as análises dos dados foram obtidas através da teoria de Bardin (1997), onde a autora busca proposições que permitem realizar interpretações a partir desse tipo de análise.

Sobre o método de análise de conteúdo, explica-se que:

Mensagens obscuras que exigem uma interpretação, mensagens com um duplo sentido cuja significação profunda (a que importa aqui) só pode surgir depois de uma observação cuidada ou de uma intuição carismática. Por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar (BARDIN, 1997, p. 14).

Desta forma, sobre a análise de conteúdo o pesquisador precisa desenvolver uma leitura minuciosa sobre o texto, ou dados para o entendimento do conteúdo. São elementos necessários em uma leitura inicial que não seriam identificados.

LEGISLAÇÃO QUE FUNDAMENTA O ATENDIMENTO EDUCACIONAL DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista afeta um conjunto de esferas e entre elas estão: sociabilidade, comunicação, sintomas associados e comportamentos repetitivos. O aprendizado do aluno com TEA é um desafio para professor, pois o mesmo deve ter métodos e estratégias de ensino para inserir o aluno nas atividades, respeitando à limitação de cada indivíduo de acordo com suas necessidades.

De acordo com a Lei nº 12.764, de 2012⁷, é considerada pessoa com TEA:

§1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II: I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento; (BRASIL, 2012, p. 1).

⁷ Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011- Acesso em agosto de 2020.



Conforme a Lei apresenta acima, a pessoa com TEA necessita de um acompanhamento multidisciplinar, no que se refere ao atendimento clínico e pedagógico escolar. O documento Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994)⁸, sobre os Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, diz que:

Qualquer pessoa portadora de deficiência tem o direito de expressar seus desejos com relação à sua educação, tanto quanto estes possam ser realizados. Pais possuem o direito inerente de serem consultados sobre a forma de educação mais apropriada às necessidades, circunstâncias e aspirações de suas crianças. O princípio que orienta esta Estrutura é o de que escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. (UNESCO, 1994, p.3).

A inclusão escolar de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) tem ocorrido mundialmente. Desde a década de 1990, a Declaração Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990)⁹, juntamente com a Convenção de Direito da Criança (UNESCO, 1988) e a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), estabeleceu que toda pessoa (criança, jovem e adulto) deve ter direito a educação atendendo sua necessidade de aprendizagem, pois necessitam de atenção especial garantindo igualdade no sistema educacional (CABRAL, *et al.*, 2017).

Em 2010, foi instituída as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que norteiam as práticas pedagógicas por meio de três princípios para o trabalho com as crianças nos quais estão: Ética, onde se refere à autonomia, responsabilidade, solidariedade e respeito, levando em consideração a cultura de cada indivíduo; Políticos: Direito a cidadania e democracia e Estéticos que se referem à sensibilidade, criatividade, ludicidade e liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (COSTA, 2015).

O TEA é caracterizado por um distúrbio neurológico que comprometem as habilidades sociais, comportamento e comunicação. Os sintomas podem variar, incluindo indivíduos com deficiência intelectual grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais adaptativas, outros sintomas incluem hiperatividade, distúrbios do sono, problemas gastrointestinais e epilepsia (OLIVEIRA E SERTIÉ, 2017. p, 234).

Para Onzi e Gomes, (2015, p. 189):

Nas últimas décadas, a incidência de casos de autismo tem crescido de forma significativa em todo o mundo. Em países como os Estados Unidos, a média de idade das crianças diagnosticadas tem sido de 3 a 4 anos. Considerando-se as taxas de 60/10.000 ou a mais recente taxa de 1% se pode estimar, que entre 1 a 2 milhões

⁸ Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em agosto de 2020.

⁹ Disponível em< <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>> Acesso em agosto de 2020.



de brasileiros preenchem critério para o espectro autista, sendo de 400 a 600 mil com menos de 20 anos, e entre 120 e 200 mil menores de cinco anos.

Os primeiros sinais do TEA são percebidos inicialmente pelos pais, onde buscam auxílio de profissionais para o diagnóstico. Pelo fato da etiologia do autismo ser indefinida, os pais podem apresentar sentimentos negativos quanto à busca por respostas. O TEA pode ocorrer em três níveis de gravidade (OLIVEIRA E SERTIÉ, 2017 p. 233).

O diagnóstico precoce é fundamental, pois é necessário um trabalho multidisciplinar tanto na área da saúde como a área da educação, pois ambos auxiliam para evolução positiva do indivíduo com TEA, visto que o diagnóstico precoce leva a uma intervenção precoce (TEODORO, *et al*, 2016).

A este respeito Rotta (2007, p. 423) diz que, “o autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, que é definido de um ponto de vista comportamental, que apresenta etiologias múltiplas e que se caracteriza por graus variados de gravidade”. Desta forma, o nível leve o indivíduo autista apresenta dificuldades para iniciar um vínculo com o outro, assim como a falta de interesse na interação social tendo frustração no desenvolvimento de relações interpessoais. Contudo, a resistência na aprendizagem não é tão resistente tendo mais facilidade na compreensão e no uso da oralidade.

No nível médio o interesse de estar inserido no meio social é mais grave interferindo na comunicação verbal e não verbal. Autista de nível médio também tende a ter dificuldades relacionadas ao comportamento, apresentando mudanças de comportamento em ambientes diferentes, podendo esses comportamentos ser repetitivos. Apesar de ter danos grave na relação com o outro e no desenvolvimento oral, assim como, comportamental se eles forem motivados e preparados diariamente para superar suas dificuldades tende a ter uma melhora significativa como todo.

De acordo com Orrú (2012, p. 19), a pessoa com TEA, apresenta características específicas, tais como: “incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, [...] atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas”.

Na Legislação Brasileira sobre o acesso e permanência da criança com TEA, a Lei nº 12.764, de 2012 instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, onde dita a obrigatoriedade das escolas regulares matriculem os estudantes, caso rejeição a escola é sujeita a penalidades.

Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA enfatizou “o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento



à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis”. Com tais medidas o estudante adentra na escola regular com um profissional exclusivo para ele, bem como tem possibilidade de frequentar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a sala de aula regular (Barbosa, 2018, p. 88).

A inserção do indivíduo com autismo é garantido por Lei e para que essa inclusão ocorra no âmbito escolar, é necessário que o professor realize formação constante e planejamento coletivo entre os docentes para que a inclusão seja efetiva e com qualidade.

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O ATENDIMENTO DA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TEA

Os educadores da inclusão especial voltada para os ensinamentos autistas devem buscar o sucesso de seus alunos por meio de motivação e trabalho estratégico, valorizando as diferenças, e atendendo as necessidades e singularidades de cada um de seus pupilos. Cunha (2012, p. 100), reforça que “não podemos educar sem atentarmos para o aluno na sua individualidade, no seu papel social na conquista da sua autonomia”.

Assim sendo, Carril, *et al.*, (2017) no que se refere a aprendizagem significativa diz que:

A promoção da aprendizagem significativa se fundamenta num modelo dinâmico, em que o aluno, seus saberes, é o ponto de partida e de chegada. A aprendizagem se dá quando o aluno (re) constrói o conhecimento e forma conceitos significativos sobre o mundo, o que vai possibilitá-lo agir e reagir diante da realidade. Não há mais espaço para a repetição memorística, para a falta de contextualização e para a aprendizagem não significativa.

É imprescindível que professores que desenvolvam práticas pedagógicas significativas e utilizem de técnicas que promovam o desenvolvimento da aprendizagem do autista evitando que ele caia no comodismo ou percam o interesse no processo de aquisição de habilidades necessárias para a inserção na sociedade.

Para Costa *et al.*, (2020, p.6), “crianças com TEA não aprendem de forma fluida e, usualmente, só demonstram ter aprendido uma habilidade em circunstâncias muito específicas”. De acordo com a autora que as crianças com TEA aprendam em blocos com períodos de atraso maiores, intercalados com períodos em que a criança “subitamente” alcança as habilidades esperadas para a sua idade, isso geralmente é uma surpresa para os educadores.

Assim sendo a autora apresenta que:

Como a aprendizagem de crianças com TEA não é linear, pode acontecer de ela “pular” etapas na aprendizagem, sendo capaz de realizar atividades mais complexas,



ainda que apresente clara dificuldade na realização de atividades mais básicas. Isso significa, portanto, que muitas dificuldades escolares podem não ser permanentes e o conteúdo a ser aprendido deve ser insistentemente ministrado, mesmo que a criança pareça não estar aprendendo (COSTA, *et al.*, 2020, p.6).

Verifica-se conforme aponta a autora, que o professor precisa insistir repetidamente o conteúdo ensinado para que a criança com TEA em algum momento aprende aquele conteúdo ensinado. Assim sendo, atividades lúdicas, recurso concreto como jogos, brincadeiras, socialização, ambiente agradável é mais interessante. Assim cabe ao professor observar em que momento a criança demonstra mais interesse nestes momentos.

Com base nas orientações da Costa *et al.*, (2020, p.6):

Estratégias básicas para ajudar a criança com TEA são: Usar figuras para mostrar a estrutura do dia, tal como uma atividade como escovar os dentes, lavar as mãos, “assim a criança vai conseguir entender o que está acontecendo durante o dia e, se necessário, você pode se referir à atividade para manter a criança ciente dela e ajudá-la com as mudanças”. Em relação à rotina da criança com TEA, a autora diz que algumas crianças gostam de uma rotina bem estruturada, e quando esta rotina e mudada a criança fica frustrada. “Sendo assim, tente manter uma rotina na classe; no entanto, caso se saiba que alguma mudança ocorrerá, prepare a criança antes (avise-a com bastante antecedência para que consiga se habituar à nova idéia)”

De acordo com Costa *et al.*, (2020), o professor pode fazer um quadro com figuras que representem as regras da sala, isso pode ajudar a criança a concentrar mais e seguir com mais facilidade. Observa-se que o ensino com crianças com TEA, exige um planejamento contínuo do professor, assim faz-se necessário um planejamento participativo entre os docentes em conjunto com a família para que o atendimento educacional seja efetivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir aborda-se análises dos dados da pesquisa com ênfase nos relatos de experiência de um acadêmico de Pedagogia que auxiliou o trabalho pedagógico de professores com crianças autistas em uma instituição não governamental AMA- Associação de Pais e Amigos de Autistas. As análises são por meio da teoria de Bardin (1997), análise de conteúdo, com categorias construídas *a posteriori* a luz do referencial teórico. Considerou-se na voz do sujeito da pesquisa diante de sua experiência como auxiliar de professores que atuam com crianças autistas palavras chaves que enfatiza o perfil docente diante do acompanhamento de crianças autista.

A instituição atende crianças, adolescentes e adultos de renda baixa, média e alta. Os níveis são classificados como: leve, moderado e severo. A idade varia entre 04 (quatro) aos 33 (trinta e três) anos de idade. O atendimento ocorre em três dias da semana.



A seguir apresentação e análises das categorias criadas a *posteriori* por meio de relato de experiência de um acadêmico de Pedagogia que atuou nesta instituição auxiliando o trabalho pedagógico dos professores da AMA.

CATEGORIA A: PRÁTICA PEDAGÓGICA DO DOCENTE QUE ATENDE CRIANÇAS COM TEA NA AMA

Em relação à forma que os docentes fazem os atendimentos com as crianças na instituição, o relato foi da seguinte forma:

Os professores da AMA desenvolvem sua prática pedagógica por meio de adaptação curricular de acordo com o nível e idade dos educandos. Eles realizam atividades por meio de materiais concretos como jogos, brincadeiras, usam utensílios do cotidiano do autista de forma prática. Observa-se que desta maneira o autista desenvolve sua aprendizagem de forma mais significativa. O primeiro contato com as crianças quando chegam à instituição é feito testes para diagnosticar a capacidade prévia do autista, em seguida é feito um planejamento específico conforme o nível que o autista apresenta. Isso ocorre em cada semestre. (Relatos de experiência, 2020).

Desta forma, compreende-se que o professor precisa desenvolver seu planejamento com o foco nas necessidades específicas de cada autista, pois cada aluno apresenta necessidades e formas de aprender diferentes. Visto que sua aprendizagem acontece quando aquela situação pedagógica é significativa à sua vida cotidiana. Assim sendo, Carril, *et al.*, (2017, p. 71) no que se refere a aprendizagem significativa se fundamenta num modelo dinâmico, em que o aluno, seus saberes, é o ponto de partida e de chegada. “A aprendizagem se dá quando o aluno (re) constrói o conhecimento e forma conceitos significativo sobre o mundo, o que vai possibilitá-lo agir e reagir diante da realidade”.

CATEGORIA B: ATIVIDADES APLICADAS A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS COM TEA DA AMA

Compreende-se que pessoas autistas têm como uma das suas características a dificuldade de simbolizar o faz de conta, por isso eles não vêem tantas funções ou atrativos em brinquedos e objetos que não são de seu interesse, o que acaba por desmotivar o treino sobre o imaginário, limitando assim, sua capacidade de interagir.

Em relação à metodologia de ensino do docente por meio de técnicas atrativas para esse determinado grupo, o relato foi o seguinte:

Os educadores transformam conteúdos teóricos em práticos, ou seja, eles dão significados lúdicos a atividades construídas manualmente, afim de, que através da



metodologia de ensino ativa os alunos possam aprender melhor e com certa autonomia. Atividades como natação, artes, trabalhos em grupo, afazeres domésticos, musicalização, desenvolvimento de coordenação motora grossa e introdução básica a tecnologia são tarefas trabalhadas diariamente com os alunos fazendo com que os mesmos assimilem ações comuns do dia-a-dia. (Relato de experiência, 2020).

Observa-se conforme o relato acima, que esta intuição apresenta uma gama de atividades para as crianças atendidas, porém faz-se necessário observar quais as atividades as crianças mais gostam para que facilite sua aprendizagem.

Em relação à rotina da criança com TEA, a rotina precisa ser bem estruturada, pois quando esta rotina muda à criança fica frustrada. Sendo assim, é preciso manter uma rotina na classe conforme o nível do autista. Outra orientação importante apresentada pela autora são os estímulos visuais. Ela diz que a maioria das crianças com TEA aprende melhor com estímulos visuais. Como por exemplo: “figuras em quadros na sala podem ajudar a criança a deixar a mochila no lugar certo, fotos de crianças sentadas em círculo perto do educador ajudam a criança a entender o que deve fazer” (COSTA, *et al.*, 2020, p.6).

É necessário que o professor faça a intervenção com os alunos com o intuito de incluí-lo na socialização com os outros indivíduos, assim, também como procure atividades de acordo com o seu estágio de aprendizado englobando as esferas cognitivas, social, linguísticas e motoras. Com o objetivo de ajudar o autista em suas necessidades mais importantes, os professores da AMA diversificam as abordagens metodológicas mantendo as que tiveram resultados significativos.

CATEGORIA C: RESULTADOS DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS COM TEA NA AMA

A avaliação de aprendizagem dos autistas são resultados da aplicação e análises de conteúdos que buscam instigar o desenvolvimento dos mesmos na tentativa de promover uma melhor absorção dos conteúdos ensinados pelos educadores de inclusão, os educadores usam o lúdico para construir matérias pedagógicas que se tornem lógico e significativo para esse público alvo.

No que se refere aos resultados da aprendizagem por intermédio da metodologia aplicada pelo educador, o relato foi:

Apesar de todas as estratégias utilizadas pelo educador uma atividade não proporciona um desenvolvimento igualitário entre os alunos, pois os educandos aprendem de formas diferentes. Então, os professores da educação inclusiva tendo essa percepção produzem matérias diversificadas que visam fazer com que os alunos tenham um desempenho satisfatório dentro dos seus limites. (Relato de experiência, 2020).



Contudo, para que os educandos autistas tenham um desenvolvimento positivo e saudável durante as atividades, é necessário que o professor transpareça segurança e empatia, pois o desenvolvimento cognitivo e comportamental do aluno tende a crescer quando o indivíduo “Professor” passa a ter um significado para eles, ou seja, o professor é a representação de um ser apoiador, incentivador, amigo e acima de tudo responsável pelo educando.

Sobre formas necessárias ao atendimento educacional da criança com TEA, a autora aponta que o professor precisa simplificar ao dar instruções, deve assegurar-se de ser muito simples, usar linguagens concretas e reportar-se às figuras para mostrar à criança um modelo concreto do que está falando (COSTA, *et al.*, 2020). A autora orienta que o professor não deve dar muitas instruções de uma vez, para instruções mais complexas. Bem como evitar distorções sempre que possível. Se o ambiente estiver muito barulhento, muito quente ou frio, ou com uma luz muito forte, pode ficar ainda mais difícil para a criança se concentrar e sentir-se confortável.

CATEGORIA D: DESAFIO DOCENTE NO ACOMPANHAMENTO DOS ALUNOS COM TEA NA AMA

Reconhece-se que em qualquer nível de educação, o trabalho pedagógico do professor não é tarefa fácil, pois lidar com crianças, jovens e adultos com realidades culturais diferentes é bem complexo. Assim com crianças autistas também há uma complexidade no trabalho pedagógico, pois cada ser aprende diferentemente. Em relação aos desafios do professor que atua com pessoas autistas, o relato foi da seguinte forma:

Os maiores desafios percebidos na prática docente dos professores da AMA, em relação ao ensino e aprendizagem de pessoas diagnosticadas com TEA, baseia-se ainda no primeiro contato do mesmo com a instituição, pois ao chegar à instituição o autista trás consigo comportamentos de casa, sendo justamente tais comportamentos que necessitam ser trabalhado pelos educadores para que os mesmos consigam se adaptar ao novo aprendizado. Outro desafio bem comum que pode ser citado é a ausência de interação social e como forma de resolver esse impasse os professores estão sempre criando situações que proporcione o contato direto entre eles, e os resultados ainda que demorados sejam promissores. (Relato de experiência, 2020).

De acordo com Costa *et al.*, (2020, p.6), “crianças com TEA não aprendem de forma fluida e, usualmente, só demonstram ter aprendido uma habilidade em circunstâncias muito específicas”. Ela diz que as crianças com TEA aprendam em blocos com períodos de atraso maiores, intercalados com períodos em que a criança alcança as habilidades esperadas para a



sua idade. Assim ela pode pular etapas na aprendizagem, sendo capaz de realizar atividades mais complexas, ainda que apresente clara dificuldade na realização de atividades mais básicas. (COSTA, *et al.*, 2020, p.6). Assim sendo, a autora diz que o professor precisa insistir repetidamente o conteúdo ensinado para que a criança com TEA em algum momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revelou que pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista desenvolvem-se melhor em uma instituição especializada para o atendimento de pessoas com TEA. Verificou-se neste estudo que o professor é o principal agente de transformação na vida desses indivíduos. Assim para que haja um desenvolvimento significativo e saudável é necessário que o educador adapte o conteúdo curricular conforme as capacidades cognitivas da criança com TEA, de forma que promova habilidades necessárias para a socialização e crescimento do autista.

Por meio deste estudo, percebe-se que a inserção do indivíduo com autista é garantido por lei, e para que essa inclusão ocorra no âmbito escolar é preciso formação constante dos profissionais para que o atendimento seja efetivo, para que a pessoa com TEA tenha o direito de integrar-se na sociedade com qualidade como qualquer outro cidadão.

Desta forma, faz-se necessário novas pesquisas sobre práticas pedagógicas no atendimento da criança autista, pois observou-se durante este estudo que há desafios constantes para o professor desenvolver práticas significativas de aprendizagem da criança autista, pois cada criança tem uma forma de aprender e interagir com as pessoas ao seu redor.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marily Oliveira. **O transtorno do espectro autista em tempos de inclusão escolar: o foco nos profissionais de educação.** Revista Educação Especial, v. 31, n. 61, p. 299-310, 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; LDA, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2012.

CABRAL, Cristiane Soares; MARIN, Angela Helena. **Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura.** Educação em revista, v. 33, 2017.



CARRIL, Maria da Graça Pimentel, NATÁRIO, Elisete Gomes, ZOCCAL, Sirlei Ivo **Considerações sobre aprendizagem significativa, a partir da visão de Freire e Ausubel – uma reflexão teórica.** E-Mosaico – Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silva (Cap-UERJ), V. 6 – N. 13 Dezembro de 2017. ISSN: 2316-9303.

COSTA, Danielle de Souza. MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes. MIRANDA, Débora Marques de. **Aprendizagem de A a Z.** Núcleo de Investigação da Impulsividade e da Atenção – NITIDA da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.Pearson, 2020. Disponível em< <http://materiais.pearsonclinical.com.br/cartilha-aprendizagem>> Acesso em agosto de 2020.

COSTA, Fernanda Aparecida de Souza Corrêa. **Práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil: atividades lúdicas envolvendo crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).** 2015.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

GIL, Antônio Carlos **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. – São Paulo : Atlas, 2008.

GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético.** Einstein (São Paulo), v. 15, n. 2, p. 233-238, 2017.

ONZI, Franciele Zanella; DE FIGUEIREDO GOMES, Roberta. **Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação.** Revista Caderno Pedagógico, v. 12, n. 3, 2015.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ROTTA, N. T. **Transtorno de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Porto alegre: Artmed, 2007.

TEODORO, Grazielle Cristina; GODINHO, Maíra Cássia Santos; HACHIMINE, Aparecida Helena Ferreira. **A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental.** Research, Society and Development, v. 1, n. 2, p. 127-143, 2016.